"NAQUELA NOITE COMERÃO" – O DESEJO ARDENTE DE JESUS COMER A PÁSCOA SEGUNDO LC 22,14-20

Arthur José da Silva [1]

Resumo

Este estudo busca estabelecer uma ligação entre as orientações da Ceia Pascal no Antigo Testamento, de acordo com Ex 12 – 13, com aquela última Ceia vivida por Jesus no relato segundo Lc 22, 14-20. Para percorrer este caminho, apresentaremos as indicações no Livro do Êxodo. A seguir, veremos a relação entre a perícope no evangelho segundo Lucas e os elementos contidos nas indicações da Ceia no Antigo Testamento bem como o desenvolvimento da Ceia vivida por Jesus. Por fim, abordaremos a libertação, a reconciliação e a saciedade do corpo e da alma que, a partir de um desejo tornam-se efeitos de um alimento naquelas noites pascais.

Palavras-chave: Êxodo. Ceia. Evangelho segundo Lucas. Páscoa. Alimento.

INTRODUÇÃO

O ato de comer é algo intrínseco ao ser humano; alimentar-se faz parte da rotina do homem que, ao ingerir o alimento, nutre-se para a caminhada, para as atividades, e para todas as demais práticas que dizem respeito ao homem em si. São inúmeros os relatos bíblicos que atestam o alimento como fonte de energia e de vida.

No contexto veterotestamentário, se percebe o evento pascal, a travessia do Mar Vermelho, narrado no Êxodo, precedido por uma alimentação, uma Ceia, uma reunião familiar que une os comensais. Antes de realizarem a travessia, não só do Mar, mas toda aquela que rumava à Terra Prometida – aquela que corre leite e mel – os homens e mulheres de fé recebem uma instrução de Deus, através de Moisés, sobre como dar-se-ia

[1] Aluno do 6º período de graduação em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco. Pesquisador voluntário no PIBIC. Contato: arthurjose.s@gmail.com.

aquela refeição. Havia instruções, modo de se proceder, de se comportar, e que reverberam até os dias atuais na liturgia judaica, e que tem os seus elementos presentes também no culto cristão graças a Jesus Cristo que, sendo judeu, também celebrou a Páscoa, desejou ardentemente vivê-la, e confere a ela um novo significado na Nova Aliança.

A Ceia Pascal, narrada no evangelho segundo Lucas, possui um destaque para a refeição. Jesus foca num desejo de estar naquela Ceia, naquele ambiente com os seus. O Papa Francisco, na Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* destaca que

> Ninguém conquistou um lugar naquela Ceia, todos foram convidados, ou melhor, atraídos pelo desejo ardente que Jesus teve de comer aquela Páscoa com eles: ele sabe que é o Cordeiro dessa Páscoa, sabe que ele é a Páscoa. Essa novidade absoluta dessa Ceia, a única verdadeira novidade da história, que faz com que tal Ceia seja única e, portanto, "última", irrepetível (FRANCISCO, 2022, p. 14).

Francisco chama a atenção para o fato de que Jesus, ao desejar ardentemente comer aquela Ceia, congrega os seus, une os diferentes, e deixa para a posteridade uma novidade que antes, no Antigo Testamento, não existia: todos são chamados e convidados para esta Ceia, todos podem se fazer presentes nesta mesa da igualdade; não há lugar para acepção de pessoas, mas sim para a comunhão autêntica entre aqueles que optam pelo Cristo.

Essas Ceias, seja no Antigo ou no Novo Testamento, desembocam em alguns efeitos que repercutem na vida de todos que optam por seguir a mensagem evangélica: a libertação e a adesão completa a Jesus, a reconciliação com Deus, com os outros e consigo mesmo e, por fim, a saciedade do corpo e da alma.

1 A CEIA PASCAL NO ANTIGO TESTAMENTO

Um dos elementos marcantes e fundamentais que giram em torno da importância e da sacralidade do alimento encontra-se nas instruções da Páscoa, no livro do Êxodo. O evento da passagem do Mar Vermelho retrata

e ilustra uma cena importante e que marca todo culto judaico: a Ceia. Os capítulos 12 e 13 do livro do Êxodo trazem algumas prescrições sobre como dever-se-ia proceder naquela refeição que era, sobretudo, uma refeição ritual.

A Páscoa, contudo, não nasce num contexto religioso diretamente, mas sim num contexto histórico-natural, que acompanhava a natureza, as estações do ano, e o ciclo do ano naquela sociedade semi-nômade do Oriente Próximo. Deve-se levar em conta elementos tais como: as fases da lua - em especial a lua cheia da primavera - onde havia migração de pastagens, vestimentas apropriadas para este evento, alimentos específicos para este deslocamento, sacrifícios em vista da fecundidade da terra e sangue aspergido em vista da proteção contra o mal (RAVASI, 1985, p. 59).

Dessa forma, Ex 12–13 se apresenta como um relato de algumas prescrições sobre como comer a Páscoa. É mister destacar que estre trecho é composto por tradições diversas, sendo mais abundante a corrente sacerdotal (P), relacionada com o período do exílio ou pós-exílio, que fornece com detalhes como se deveria proceder. Além disso, de acordo com Willi-Plein, pode-se encontrar trechos do deuteronomista (D), bem como da fusão da fonte javista com a eloísta (JE) (WILLI-PLEIN, 2001, p. 107).

Em Ex 12,1-14.43-51 há as primeiras indicações sobre como se deveria comer a Páscoa: no dia 10 do primeiro mês, o mês de Nisã, um cordeiro macho, sem defeito, e de um ano, deveria ser separado por cada casa, por cada família, e seria guardado até o dia 14 deste mesmo mês, o qual seria imolado "entre as duas tardes", no crepúsculo, consolidando a Páscoa como "uma festa noturna que coincide com a primeira lua cheia da primavera" (WILLI-PLEIN, 2001, p. 109).

Havia ainda um ritual de caráter apotropaico, ou seja, visando o afastamento do mal, e consistia em passar o sangue do animal nos marcos das portas, a fim de afastar o "Exterminador". Nada poderia ser comido cru, mas sim, de acordo com o Êxodo, assado no fogo, juntamente com pães ázimos e ervas amargas; nada do alimento poderia sobrar para o outro dia e, caso sobrasse, deveria ser queimado completamente. O autor sagrado

indica até as vestimentas da refeição: rins cingidos, sandálias nos pés e vara na mão, indicando uma Ceia às pressas. Além do mais, nenhum estrangeiro poderia comer, nem escravo ou imigrante, que estavam sob algumas condições, especialmente a da circuncisão. Tudo isto visava recordar o v. 51: "naquele dia Iahweh tirou os israelitas do Egito, segundo os seus exércitos".

Ao mesmo tempo que se encontra as instruções da Páscoa, o Livro do Êxodo fala também da Festa dos Ázimos, especificamente em Ex 12,15-20.13,3-10. Entre as prescrições e instruções de como deveria ser celebrada a Páscoa, surgem as instruções sobre a Festa dos Ázimos: comer pães sem fermento durante sete dias, reunir-se em assembleia no primeiro e no sétimo dia da festa, que teria início no dia 14 do primeiro mês, ou seja, as observâncias se dariam desde o dia da Páscoa até o dia 21 do mesmo mês. O autor sagrado, no relato do Êxodo, aponta as festas da Páscoa e dos Ázimos como celebrações distintas. O caráter das festas surge também de uma forma diferente: a Páscoa mais vinculada ao nomadismo, enquanto os Ázimos ao sedentarismo, vinculado à colheita e às primícias da terra.

É neste contexto, portanto, que se desenvolve com o passar dos anos a forma como os judeus vivenciavam a festa da Páscoa, com seus diversos rituais. Ravasi (1985, p. 70-71) destaca as etapas da Ceia judaica e apresenta um paralelo daquilo que os quatro evangelhos trazem na sua narrativa. A Ceia estaria dividida em três momentos, cada um com cinco cerimônias distintas. Dentre cada uma destas etapas, destacam-se a presença de três copos de vinho, um em cada momento; o gesto de comer três pães ázimos na primeira e na segunda etapa, que eram distribuídos entre os comensais; e a Ceia do cordeiro propriamente dita, no terceiro momento da Ceia. Ravasi aponta que, por exemplo, o cálice que Jesus abençoa e entrega aos seus discípulos (Lc 22, 20) seria aquele abençoado no terceiro momento da Ceia, aquele mesmo que está relacionado com o gesto de comer o cordeiro pascal.

A Páscoa, portanto, uma festa cultual que recorda os preparativos para a libertação do povo hebreu da opressão do Faraó, se configura e se realiza em torno de uma Ceia, uma refeição. É no gesto de se alimentar que

uma das festas mais importantes do calendário judaico se desenvolve; é em torno de uma mesa que Deus congrega seu povo em preparação para um momento de suma importância. Assim acontece também no Novo Testamento. Jesus, que observava os preceitos judaicos, também deseja comer esta Ceia que, a partir dele, ganha nova compreensão.

2 A ÚLTIMA CEIA DE JESUS NO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

A narrativa da Ceia pascal no terceiro evangelho vai se desenvolvendo de uma forma que, pouco a pouco, os elementos pascais presentes no Antigo Testamento vão sendo evidenciados, bem como o destaque para o desejo, a vontade, de Jesus realizar aquela refeição entre os seus, aqueles mais próximos, que partilhavam não só o mesmo alimento, mas também uma missão comum confiada por Jesus. O alimento, mais uma vez, é evidenciado como aquele que congrega, que aproxima, que mantém unidos Jesus aos seus, bem como com todos aqueles que optam por estar, com Ele, numa mesma mesa.

O relato da Ceia pascal no evangelho segundo Lucas (Lc 22,14-20) acontece precisamente em Jerusalém; é lá onde o evento pascal é vivido por Jesus. Desde Lc 19,28-38, pode-se perceber que Jesus já se encontra nesta cidade, e é lá onde, todos os anos, o povo judeu reúne-se para comer a Páscoa.

Assim, no desenvolvimento do capítulo 22, Lucas afirma um dado curioso e que chama a atenção: "Aproximava-se a festa dos Ázimos, chamada Páscoa" (cf. Lc 22,1). Pixley (1987, p. 87), assim, evidencia que no tempo dos evangelhos, diferentemente daquilo narrado no Êxodo, a Páscoa e os Ázimos constituíam uma só festa – como será narrado em Lc 22,1.7 – o que evidencia que, com o passar do tempo, estas mesmas festas foram se desenvolvendo e tornando-se uma unidade cultual e festiva.

Segundo o relato lucano, em Lc 22, 7-13 encontram-se os preparativos da Ceia; não se podia comer de qualquer forma nem em qualquer lugar; as indicações do Êxodo, bem como aquelas no Deuteronômio (cf. Dt 16,1-8) e,

especialmente, aquelas que remontam à reforma de Josias (cf. 2Rs 23,21-23; 2Cr 35,1.18-19), mostram que tudo deveria ser bem preparado. Antes de tudo, aquela refeição evidenciava um caráter sagrado e ritual para o povo judeu. Pedro e João são enviados e apontados como aqueles responsáveis por organizar aquela Ceia. Jesus explica detalhadamente como proceder, a quem encontrar, o local reservado para a refeição, quem estará presente. O local daquela refeição, a sala superior, reservada aos hóspedes de uma casa, possui destaque na narrativa lucana. É nesta sala onde o centro da nova Páscoa acontecerá: Jesus, o Verbo encarnado, através da palavra, se dá aos seus em alimento (FABRIS, 2006, p. 217).

Lucas atesta que a Ceia se passa quando chega a hora e ao redor da mesa, enquanto Mateus e Marcos evidenciam apenas que tudo acontece "enquanto comiam" (cf. Mt 26,26a; Mc 14,22a). O evangelista, pouco a pouco, prepara o leitor de seu evangelho para aquilo que será apresentado no v. 15, quando Jesus se mostra como aquele que deseja ardentemente comer aquela refeição. É importante destacar o advérbio "ardentemente" que, ao mesmo tempo que expressa o modo deste desejo, destaca uma intensidade de se realizar esta refeição, que só é apresentada no evangelho segundo Lucas. Aqui, não há apenas uma refeição que acontece, mas sim uma vontade fora do comum de Jesus passar por aquele momento com os seus, que naquele momento formavam a sua família.

> Jesus não é fanático por sofrer e morrer. Ele é são e sereno demais para ficar fascinado por um ambíguo instinto de morte, de tipo masoquista. As suas palavras – "desejei ardentemente..." – querem dar um significado ao pressentimento de morte iminente: ela não é um fracasso, um caminho sem saída, mas a inauguração da paz e da salvação plena na presença de Deus [...]. A esta nova esperança e promessa, embora na consciência da tragédia iminente, Jesus associa agora os discípulos com um gesto retomado do costume do banquete judaico. (FABRIS, 2006, p. 218-219)

O rito da Ceia pascal é descrito em Lc 22, 14-20. Nesse desenvolvimento, pode-se perceber a presença de uma taça, num primeiro momento (v.17) e, posteriormente, a presença do pão, e de uma outra taça

(vv.19-20). Aqui estariam presentes alguns daqueles elementos próprios da Ceia pascal judia: ázimos e vinho. De fato, Jesus realiza com os seus uma refeição tipicamente judaica.

Este mesmo relato da preparação da Ceia e da refeição em si é apresentado nos sinóticos em Mt 26,17-19.26-29 e Mc 14,12-16.22-25. A Ceia narrada por Lucas é um momento muito mais de dar graças que simplesmente pronunciar a benção por aquele momento. O relato lucano é aquele que mais evidencia o caráter alimentar, a importância da refeição, o desejo daquele momento. Esta afirmação pode ser justificada a partir da utilização especificamente do verbo comer no relato lucano da Ceia pascal, em comparação com a utilização nos evangelhos segundo Mateus e Marcos; no terceiro evangelho "comer" aparece três vezes (Lc 22,14.16.20), enquanto no relato mateano são duas vezes (Mt 26,26) e no marcano este verbo aparece apenas uma vez no relato da Ceia (Mc 14,22). Além do mais, Schmid (1968, p. 464) ressalta que Lucas pretende, de maneira evidente, expressar o caráter de celebração pascal da última Ceia e, ao mesmo tempo, apresentar a Páscoa judaica como modelo de Páscoa no Novo Testamento. A Ceia pascal, para Lucas é, ao mesmo tempo, celebração judaica vivida por Jesus, e marco atemporal e a-histórico da vivência da Ceia eucarística como um alimento eterno.

A descrição da Ceia, dos alimentos, a sequência ritual, o local onde se iria comer, bem como toda a preparação próxima da última Ceia de Jesus demonstram que, não somente no crepúsculo entre os dias 14 e 15 de Nisã deveria acontecer uma preparação para se comer aquela refeição. "Naquela noite comerão" indica que, o desejo ardente de Jesus em comer a sua última Ceia com os seus é algo que traz consigo bastante força e evidência de que, numa refeição, num desejo de se vivenciar esta refeição, Jesus aponta o desejo do alimento, liberta e reconcilia a humanidade de uma vez por todas, e é aquele mesmo responsável por saciar a todo aquele que acorre a Ele.

3 O DESEJO DO ALIMENTO: A CEIA QUE LIBERTA, RECONCILIA E SACIA

O alimento, ao longo desta exposição, torna-se o elemento mediador entre Deus e seu povo, chegando a ser, este mesmo alimento, aquele que fora desejado, e indicado que seria comido "naquela noite", que liberta, reconcilia e sacia a todo aquele que, assim como o Mestre, também deseja este alimento.

A Páscoa, mesmo sendo uma festa composta por ritos e etapas, surge, sobretudo, como algo desejado. Em última instância, é desejada por Deus, que instrui Moisés sobre como proceder. A partir de uma comunhão, de uma partilha, de uma experiência comum, se celebra a libertação de um povo. Nos evangelhos, este mesmo sentido não se perde; Jesus deseja ardentemente não outra coisa, senão comer aquela Ceia (cf. Lc 22,15). Há, nesta última cena, um ponto que evidencia o desejo de Jesus por aquele momento: além de observar o mandamento, a instrução de naquela noite comer a Páscoa, ela é algo desejado; não somente cumprido por preceito religioso, mas desejado verdadeiramente pelo Mestre.

É este mesmo alimento desejado que possui, como eficácia, a libertação e a reconciliação do homem com Deus e com os outros homens. Se, no Êxodo, esse alimento está diretamente ligado com a libertação do povo hebreu das garras do Faraó, e que passa a caminhar rumo à Terra Prometida, que corre leite e mel (cf. Ex 33,3) - contradizendo as ervas amargas que se recorda a escravidão - nos evangelhos este alimento liga-se com a experiência de cada um que vive a alegria de se deixar ser alimentado pelo próprio Jesus. O Cristo, vivo, passa a não ser uma realidade distante, mas é, sobretudo, alimento: "tomai e comei, isto é meu corpo" (cf. Mt 26,26).

Este mesmo alimento, o próprio Jesus, é aquele que liberta o homem de seus egoísmos e abre à possibilidade de reconciliar-se com Jesus através dos outros homens, percebendo que, a libertação e a reconciliação são dois lados de uma mesma moeda. Só se reconcilia com algo aquele que fez a experiência de libertar-se daquilo que o impedia de reconciliar-se. Pode-se

questionar como um simples alimento seria capaz disto; apenas um alimento profundamente desejado seria capaz – e o é – de realizar esta reconciliação.

Enfim, o alimento comido naquela noite, que se perpetua todos os dias na vida daqueles que creem, é aquele que saciou a fome e deu forças àqueles que estavam prestes a realizar uma travessia pelo Mar Vermelho. Esta mesma Ceia é aquela que, nos relatos evangélicos, se apresenta como aquele último momento no qual Jesus com os seus se reuniram e, juntos, partilharam em uma mesma mesa. Ali os discípulos foram saciados com o alimento material, mas também com o alimento espiritual das palavras do Mestre. Todavia, naquela última Ceia, não somente os discípulos eram comensais; Jesus também se alimentava, e ali se abastecia para que pudesse viver tudo o que passaria em breve, ou seja, sua paixão e morte de Cruz. Um alimento foi aquele que impulsionou Elias na sua caminhada de perseguições e cansaço (1Rs 19,5-8); o mesmo alimento, pão, é aquele que encorajara Jesus a ir adiante e de, ao mesmo tempo, deixar-se em alimento para que todos aqueles que fizessem uma experiência autêntica com ele pudessem também ser saciados, reconciliados, libertos e que tivessem sempre um desejo vivo e ardente por este alimento, que é vida para os que desejam a vida.

Quer seja no Antigo Testamento ou no Novo Testamento, a Ceia pascal está inserida num contexto muito mais amplo do que parece. É num momento de refeição que tudo se concretiza; é num alimento que se congrega; é na partilha que se vive. Só assim se poderá crer numa partilha autêntica que não seja apenas ritual, mas sim experiência viva, que dá forma ao rito celebrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com um alimento, através da Ceia no Antigo Testamento e da última Ceia de Jesus junto com os seus provoca, certamente, transformações naqueles que a experimentam. Todo aquele

que se alimenta de um bom alimento, tem efeitos positivos em seu corpo. Quer seja no relato do Êxodo ou no relato lucano, havia um desejo intrínseco e necessário de alimentar-se: era preciso para que se tivesse forças no caminho que se percorreria.

Ao aproximar as narrativas bíblicas, percebe-se que o alimento é realidade comum, natural e necessária para a caminhada. Jesus, junto aos seus, deseja não somente comer, mas se doar em alimento. Cada um dos que se inserem no contexto pascal da Ceia, de fazer-se um com Jesus, é comensal, alimenta-se do Pão da Vida, e torna-se um com todos e todas numa mesma festa, num mesmo banquete.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*. São Paulo: Loyola, 2006.

FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi*. São Paulo: Paulinas, 2022.

PIXLEY, George V. *Êxodo*. São Paulo: Paulinas, 1987.

RAVASI, Gianfranco. *Êxodo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

SCHMID, Josef. *El evangelio según San Lucas*. Barcelona: Editorial Herder, 1968.

WILLI-PLEIN, Ina. *Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.